

O Estado de Minas – 15/11/2009

"Raio não provocou apagão em Itaipu", diz especialista

Zulmira Furbino

O blecaute que atingiu 18 estados brasileiros no último dia 11 trouxe à tona o esquecido debate sobre o planejamento energético do país. O apagão afetou 60 milhões de consumidores. Não é a primeira vez que isso acontece. Em 1999, um raio atingiu uma subestação em Bauru (SP), deixando Sudeste e Centro-oeste sem luz. Em 2001, foi a vez do racionamento de energia, fruto de uma desastrosa combinação entre baixo volume de água nos reservatórios e baixo grau de investimento no setor. A situação agora é diferente. Pelo menos até 2013, a curva da oferta de energia no Brasil será maior do que a demanda. Para **Claudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**, um centro de estudos que funciona como um observatório independente do setor elétrico brasileiro, é hora de despolitizar o debate sobre energia. Ele defende a retomada do planejamento energético com base na geração distribuída, ou seja, mais próxima do local do consumo, e acha necessário ouvir o que dizem os técnicos. Confira trechos da entrevista.

Qual é a semelhança entre o blecaute ocorrido na última semana e o que aconteceu em 1999, além do número de pessoas que foram afetadas?

O efeito dos dois blecautes sobre o país é semelhante. Em ambas as ocasiões, o abastecimento foi afetado a partir de Itaipu, por meio do sistema de transmissão de Furnas, que faz o abastecimento da hidrelétrica binacional. Quanto às causas, minha crítica mais veemente até agora é que a explicação das autoridades do governo sobre o problema são absolutamente insuficientes para que a sociedade compreenda qual foi o gatilho do problema e como se procederam os fenômenos seguintes sobre o sistema de transmissão, cujas conseqüências todos sentimos.

O senhor acredita que uma conjunção de fatores meteorológicos tenha sido a causa do problema?

O órgão do governo brasileiro mais aparelhado e que tem como função monitorar as questões da eletricidade atmosférica é o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe). O coordenador do grupo de eletricidade atmosférica desse órgão deu declarações que "é 100% certo que não houve descarga elétrica em três das linhas de Itaipu". Também disse que houve descargas elétricas a 30 quilômetros da subestação e a dois ou três quilômetros da linha de transmissão. Ele disse que houve forte chuva, mas que isso não derruba a transmissão. Prefiro ficar com a opinião do técnico.

Há uma saída para a vulnerabilidade do sistema?

A única derivação positiva desse evento trágico seria um aprofundamento da discussão sobre a qualidade do atual planejamento do setor elétrico brasileiro. O que vem sendo apresentado à sociedade é que a simples e continuada expansão do sistema interligado, com investimentos crescentes, seria inquestionavelmente o melhor caminho. Mas a realidade mostra que não é. Existe a possibilidade de fazer a geração distribuída, uma saída para a expansão indefinida da rede. Esse é o desafio do planejador. Estabelecer em que medida, como e onde se deve caminhar por um caminho ou pelo outro. A realidade dos fatos mostra que o atual planejamento não é nem a única nem a necessariamente a melhor alternativa. A geração distribuída reduz o risco porque está mais próxima do consumo. Ela pode ser mais cara, mas abole o risco da transmissão. Seria muito bom para o país se esse sistema deixasse de ser tratado politicamente e a ênfase fosse dada na questão técnica, e se fosse exigido dos planejadores oficiais mais transparência sobre as escolhas que estão sendo impostas ao país.